



Educação: Políticas, Estrutura e Organização 12

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

**Educação: Políticas, Estrutura e
Organização
12**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 12 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 12)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-313-2

DOI 10.22533/at.ed.132190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 12” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação. A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra.

A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATODE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	
Sonia Bessa	
Elton Anderson Santos de Castro	
Jadir Gonçalves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1321903041	
CAPÍTULO 2	12
RELATOS DOCENTES: VOZES QUE ECOAM SOBRE SER, ENSINAR E APRENDER	
RESUMO	
Márcia Maria de Castro Buzzato	
Ana Claudia dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1321903042	
CAPÍTULO 3	30
RESGATE DA HISTÓRIA, CULTURA AFRODESCENDENTE E SUAS DIVERSIDADES	
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Ana Lúcia de Melo Santos	
Edilene Maria da Silva	
Marilene da Silva Lima	
Katia Tatiana Moraes de Oliveira	
Nubênia de Lima Tresena	
DOI 10.22533/at.ed.1321903043	
CAPÍTULO 4	42
RESIDÊNCIA EDUCACIONAL: UMA POSSIBILIDADE DE ARTICULAÇÃO TEORIA E	
PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Maria Lucia Morrone	
Marina Ranieri Cesana	
Rosângela A. Ferini Vargas Chede	
DOI 10.22533/at.ed.1321903044	
CAPÍTULO 5	56
SITUAÇÕES DIDÁTICAS EM UMA AULA SOBRE PROPORCIONALIDADE: A	
INTENCIONALIDADE E A INFLUÊNCIA DO MILIEU	
Jozeildo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1321903045	
CAPÍTULO 6	66
SOBRE PESQUISAR A DOCÊNCIA	
Édison Gonzague Brito da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1321903046	
CAPÍTULO 7	72
TDIC: A CONSTRUÇÃO DE NOVOS PADRÕES DE COMPORTAMENTOS POR	
MEIO DE REDES DIGITAS	
Maria Salete Peixoto Gonçalves	
João Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1321903047	

CAPÍTULO 8	82
TECENDO O CURRÍCULO PRESCRITO E VIVIDO: OLHARES DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA	
Denize Tomaz de Aquino Vera Lucia Chalegre de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.13219030478	
CAPÍTULO 9	90
TECITURAS DA PESQUISA COM CRIANÇAS: MUDANÇA DE PARADIGMAS UMA “CONVERSA” COM A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA	
Alexandra Nascimento de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.13219030479	
CAPÍTULO 10	98
TECNOLOGIA ASSISTIVA CÃO-GUIA: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O ANIMAL DE AJUDA SOCIAL	
Viviane Rauane Bezerra Silva Ana Maria Tavares Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.132190304710	
CAPÍTULO 11	108
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO: ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ESPECIALIZADOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Sirley Brandão dos Santos Laryssa Guimarães Costa	
DOI 10.22533/at.ed.132190304711	
CAPÍTULO 12	115
TEMAS TRANSVERSAIS E FAMÍLIA: COMO A ESCOLA ARTICULA AS NOVAS DEMANDAS SOCIAIS	
Sheila da Silva Ferreira Arantes Nataly Cordeiro de Abreu Cabral Thiago Carvalho Pires Leonardo Trotta	
DOI 10.22533/at.ed.132190304712	
CAPÍTULO 13	124
TENSIONAMENTOS NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA ATRAVÉS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Cilene de Lurdes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.132190304713	
CAPÍTULO 14	136
TERRITÓRIOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Alessandra Amaral Ferreira Karla Nascimento de Almeida Maria Celeste Reis Fernandes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.132190304714	

CAPÍTULO 15	147
TRABALHANDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOB A PERSPECTIVA DE UM JARDIM SUSPENSO EM ESCOLA DA ZONA RURAL DE PERNAMBUCO	
João Junior Joaquim da Silva Rodrigo Emanuel Celestino dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.132190304715	
CAPÍTULO 16	156
TRABALHANDO O TEMA “ÁGUA” NAS AULAS DE MATEMÁTICA DO 5º ANO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Mônica Augusta do Santos Neto Amanda Juvino Soares Maria Pâmella Azevedo Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.132190304716	
CAPÍTULO 17	168
TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI	
Virgínia Geralda Batista Maria Nailde Martins Ramalho	
DOI 10.22533/at.ed.132190304717	
CAPÍTULO 18	185
TRANSFERÊNCIA DE RENDA: DO DEBATE À CONCRETIZAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO	
Yaggo Leite Agra Edna Tânia Ferreira da Silva Celyane Souza dos Santos Junia Winner Higino Pereira Maria de Fátima Leite Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.132190304718	
CAPÍTULO 19	194
TROVENDO: A AÇÃO LIBERTADORA QUE PERMITE O RESGATE DO LEITOR E SUAS LEITURAS EM UM ESPAÇO QUE É SEU POR DIREITO	
Karolina Rodrigues Nepomuceno Brenda de Freitas Romão de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.132190304719	
CAPÍTULO 20	203
UM NOVO OLHAR NO ENSINO DE MATEMÁTICA: SUPERANDO RÓTULOS, CONSTRUINDO LAÇOS	
Gabriela Auxiliadora da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.132190304720	

CAPÍTULO 21	209
UMA ABORDAGEM PARA A CONSCIENTIZAÇÃO NO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NO MUNICÍPIO DE ITAQUI-RS	
Pablo Francisco Benitez Baratto	
Carlos Miguel Corrêa Schneider	
Anderson Alexandrino Souza Reis	
Marcos Vinicio Veira Vita	
Rodrigo Puget Marengo	
DOI 10.22533/at.ed.132190304721	
CAPÍTULO 22	225
UMA ANÁLISE DA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA A PARTIR DE DIÁRIOS REFLEXIVOS	
José Claudenelton Costa	
DOI 10.22533/at.ed.132190304722	
CAPÍTULO 23	230
UMA EXPERIÊNCIA DE TERTÚLIA CIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS – EM ESCOLA DA COMUNIDADE	
Anna Carolina de Lima Franco Salvador	
Gerson Catanozi	
Marcelo Enrique Crivelari	
Maria Lucia Zecchinato Mastropasqua	
Rachel de Oliveira Braun	
DOI 10.22533/at.ed.132190304723	
CAPÍTULO 24	237
UMA FEIRA DE MATEMÁTICA PARA INTEGRAR A ESCOLA NO DIA NACIONAL DA MATEMÁTICA	
Tiago Ravel Schroeder	
Tayana Cruz de Souza	
Geicimara Fuck	
Michele de Medeiros	
Fátima Peres Zago de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.132190304724	
CAPÍTULO 25	250
UMA REFLEXÃO SOBRE AS LIMITAÇÕES DOS LMS E AS OPORTUNIDADES DA APRENDIZAGEM INFORMAL NO ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADES DOS APRENDIZES EM CURSOS A DISTÂNCIA	
Ivanildo José de Melo Filho	
Luma da Rocha Seixas	
Rosangela Maria de Melo	
Alex Sandro Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.132190304725	
CAPÍTULO 26	263
UMA VIDA DE SUPERAÇÃO: COM INCLUSÃO	
Geísa Pinto Pereira	
Iransy Gomes Barros	
Severino Joaquim Correia Neto	
Cila Vergínia da Silva Borges	
Cora Maria Fortes de Oliveira Beleño Díaz	
DOI 10.22533/at.ed.132190304726	

CAPÍTULO 27	275
UTILIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA MELHORIA DA ABSORÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE PROTEÍNAS E ENZIMAS	
Fabiana América Silva Dantas de Souza Carla de Lima Marinho Maria Vitória Alves Vila Nova	
DOI 10.22533/at.ed.132190304727	
CAPÍTULO 28	283
UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA MELHORIA DA ABSORÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE O SISTEMA RENAL	
Fabiana América Silva Dantas de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.132190304728	
CAPÍTULO 29	291
UTILIZAÇÃO DE TIC COMO RECURSO DIDÁTICO: UM BREVE LEVANTAMENTO COM PROFESSORES DE ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE UBÁ/MG	
Artur Pires de Camargos Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.132190304729	
CAPÍTULO 30	303
VISÃO DA FAMÍLIA SOBRE O PROCESSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA REDE REGULAR DE ENSINO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS	
Ana Paula Leite da Silva Tanaka Marciel Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.132190304730	
CAPÍTULO 31	311
VIVENCIANDO A INTERDISCIPLINARIDADE A PARTIR DA ARCA DE NOÉ	
Andréa Monica Gomes Nascimento Morais	
DOI 10.22533/at.ed.132190304731	
CAPÍTULO 32	317
VOLUNTARIADO E MISSÃO HUMANITÁRIA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO	
Delci da Conceição Filho	
DOI 10.22533/at.ed.132190304732	
CAPÍTULO 33	330
O OLHAR DOCENTE DA PRÁXIS PEDAGÓGICA PRODUZIDA A PARTIR DE OFICINAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL EDVALDO FERNANDES	
Joselene Granja Costa Castro Lima	
DOI 10.22533/at.ed.132190304733	

CAPÍTULO 34	346
PROPOSTA TEACCH COMO ESTRUTURA DE ENSINO PARA AUTISTAS	
Ívina Maris Garotti Monteiro	
Gabriella Rossetti Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.132190304734	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	372

RESGATE DA HISTÓRIA, CULTURA AFRODESCENDENTE E SUAS DIVERSIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ana Lúcia de Melo Santos.

Pedagoga (Universidade de Pernambuco – UPE),
Psicopedagoga Institucional e Clínica (Faculdade
de Comunicação, Tecnologia e Turismo de Olinda
– FACOTTUR).
São Bento do Una – PE. E-mail:analuciamelo79@
hotmail.com

Edilene Maria da Silva.

Universidade Grendal do Brasil – Perú –
UNIGRENDAL.
São Bento do Una – PE.

Marilene da Silva Lima.

Universidade Grendal do Brasil – Perú –
UNIGRENDAL.
Belo Jardim – PE.

Katia Tatiana Moraes de Oliveira.

Universidade Grendal do Brasil – Perú –
UNIGRENDAL.
São Bento do Una – PE.

Nubênia de Lima Tresena.

Universidade Federal de Campina Grande –
UFCG.
Campina Grande – Paraíba

entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, principalmente as expectativas sobre a história, cultura e educação afrodescendente dessa comunidade. Pois, acredita-se que é parte determinante na construção de valores fundamentais para essas lutas, que é vencer o preconceito da sociedade, não silenciando diante de atitudes discriminatórias vivenciadas no cotidiano desses indivíduos. Justifica-se pela necessidade de mostrar que houve um rompimento com sentimentos de inferioridade e superioridade em relação a inserção do negro no meio familiar, escolar e social, deixando de lado a não aceitação e, principalmente as posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais. Ao longo dos relatos orais verificou-se que a vida dos quilombolas do Serrote do Gado Bravo, não diferencia dessa experiência, os mesmos vivenciaram vários sofrimentos por parte dos seus senhores e donos de fazendas, além de seus esforços físicos eram submetidos a humilhações, como força física, falta de humanidade, respeito, entre outros aspectos, que até hoje relembra com tristeza. Assim como o Serrote, há outras comunidades vizinhas como, Jirau, Caldeirãozinho, Primavera e Craíbas, que ocupam parte da antiga fazenda Gado Bravo. Os moradores dessas comunidades compartilham do mesmo modo de vida e experiências, ao todo são 500 famílias que lutam de forma incansável por uma

RESUMO: Este trabalho tem a pretensão de mostrar a história e cultura de uma comunidade remanescente de quilombos, localizada no Sítio Serrote do Gado Bravo, no município de São Bento do Una, Pernambuco, Brasil. Teve como objetivo analisar como acontece as relações

vida mais humana, igualitária e participativa dentro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: História. Cultura. Afrodescendente. Diversidade.

ABSTRACT: This work intends to show the history and culture of a remnant community of quilombos, located in the Serrote do Gado Bravo Site, in the municipality of São Bento do Una, Pernambuco, Brazil. It aimed to analyze how the relations between people of different ethnic-racial groups, especially the expectations about the history, culture and Afrodescendant education of this community, were analyzed. For, it is believed that it is a determinant part in the construction of fundamental values for these struggles, which is to overcome the prejudice of society, not silencing in the face of discriminatory attitudes experienced in the daily life of these individuals. It is justified by the need to show that there was a rupture with feelings of inferiority and superiority in relation to the insertion of the black in the family, school and social environment, leaving aside the non-acceptance and, especially, the hierarchical positions forged in racial and social inequalities. Throughout the oral reports it was verified that the life of the quilombolas of Serrote do Gado Bravo, does not differentiate from this experience, they experienced several sufferings on the part of their masters and owners of farms, besides their physical efforts were submitted to humiliations, as physical strength, lack of humanity, respect, among other things, which he remembers with sadness. Like the Serrote, there are other neighboring communities like, Jirau, Caldeirãozinho, Primavera and Craíbas, that occupy part of the old Gado Bravo farm. The residents of these communities share the same way of life and experiences, in total there are 500 families that fight relentlessly for a more human, egalitarian and participative life within the society.

KEYWORDS: Story. Culture. Afrodescendente. Diversity.

1 | INTRODUÇÃO

Falar de história e cultura afrodescendente é pensar no Brasil, propõem-se nos dias atuais momentos de reflexões que já pode ser contabilizado como um importante elemento da agenda de debates sobre a educação brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos do Parecer CNE/CP nº 3/2001 (BRASIL, 2004a) e da respectiva Resolução CNE/CP1/2004 (BRASIL, 2004b), estabelecem a educação das relações étnico-raciais como um núcleo dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino de diferentes graus e como um dos focos das instituições de ensino de diferentes níveis.

Das famílias negras existentes em Pernambuco, a que encontra-se próxima do município de São Bento do Una é o Quilombo do Serrote do Gado Bravo, aproximadamente sete quilômetros da cidade de São Bento do Una, Pernambuco e faz limite com a Vila de Espírito Santo. Faz-se presente nesta comunidade negra uma história de lutas, sofrimentos, também muitas superações e realizações.

Nos dias atuais cerca de sessenta e cinco famílias que sobrevivem da roça e da bolsa família que é um Projeto do Governo Federal que tem como finalidade subsidiar e melhorar renda financeira, a comunidade também foi beneficiada com outro Projeto do Governo Federal: Minha casa Minha vida que substituiu a casa de taipa por alvenaria. Também construíram uma escola nessa comunidade que atende da educação infantil a educação básica.

Como em todas as comunidades existem conflitos, no quilombo do Serrote não poderia ser diferente, há muitos problemas para serem resolvidos começando pela falta de interesse e conhecimento da história local, o preconceito e o alcoolismo na própria comunidade. Há uma grande resistência, ainda que camuflada, em relação à aceitação da cultura negra, o que nos impede de avançar rumo ao desenvolvimento em todos os aspectos sócio econômico e político.

Segundo Moura (1994, p. 22), “a história do negro no Brasil confunde-se e identifica-se com a formação da própria nação brasileira e acompanha a sua evolução histórica e social”. Trazido como imigrante forçado e, mais do que isto, como escravo, o negro africano e seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão.

No Brasil o negro teve uma grande participação e contribuição na mão-de-obra, principalmente, nas fazendas produtoras de cana-de-açúcar. Esse negro era trazido à força de seu lugar de origem, transportado em Navios Negreiros, onde alguns não resistiam e morriam no caminho. O negro escravizado era exportado da África para o Brasil, tendo como finalidade principal servir aos senhores feudais.

As relações dos povos africanos e seus descendentes passam por tensões e conflitos, foi a partir da publicação da Lei Áurea que alguns negros passaram a ter sua própria “liberdade”. Quando refere-se ao povo negro, pode-se afirmar que as comunidades descendentes de antigos quilombos emergiram e, estão presentes neste momento histórico, apresentando uma visibilidade no movimento do campesinato brasileiro. Conforme Munanga (1998, p. 17), “o caráter distintivo da raça na sua totalidade é a cor, mas há outros detalhes como os traços do rosto, os cabelos, o odor do corpo, os costumes, entre outros que complementam essa distinção”.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender a história do Quilombo do Serrote Gado Bravo, seus costumes, crenças, tradições e economia, a partir de relatos e críticas dos descendentes e moradores dessa comunidade, informar os demais leitores e despertar o senso de conscientização em relação aos problemas vividos nesta comunidade, dentro da sociedade e que perduram até os dias atuais, levando-os a pensar como minimizar alguns problemas detectados e preocupantes que ameaçam a vida das famílias que ainda residem nesta localidade.

Teve como objetivo geral, analisar como acontece as relações entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, principalmente as expectativas sobre a história, cultura e educação afrodescendente dessa comunidade. E como objetivos específicos: Conhecer os principais acontecimentos ocorridos ao longo dos anos da comunidade

serrote gado bravo; Identificar a as principais resistências dos negros na atualidade quanto a aceitação e o respeito a cor e a raça, além de como lidam com o preconceito na vida comunitária e social; Compreender a história dos moradores da própria comunidade, como viviam antes e o que mudou em suas vidas, quais expectativas, identidade étnica, questão territoriais, religiões, suas contribuições na sociedade contemporânea.

Para compreender melhor a história das comunidades e suas transformações, realizou-se estudos nas obras dos teóricos conhecedores da história e cultura afrodescendente, em especial Gilberto Freyre (2004), que em uma de suas obras Casa Grande e Senzala, relata com detalhe a vida e a importância da contribuição do negro no processo da formação social do nosso país.

Enquanto Dantas, Mattos e Abreu (2012), no seu livro: “O Negro no Brasil”, fazem relatos das trajetórias e lutas para o resgate e exercício de cidadania no espaço onde encontra-se inserido e em demais locais onde frequentam no seu cotidiano. Enquanto Marina de Mello e Souza (2012), no livro: África e Brasil Africano, enfatiza os quilombos como espaço de identidade e história, a inquietação e desejo da população negra em busca de direitos e liberdade, entre outros estudiosos.

2 | METODOLOGIA

Buscou-se como aporte metodológico alguns teóricos, como: Mattos (2012), Munanga (1998), Fonseca (2011), Souza (2014) e Pereira; Serrano e Porto (2012), que abordam sobre a cultura e a educação dos povos negros e afrodescendentes no Brasil, em seus aspectos étnicos-sociais, ideológicos, históricos e humanos.

Esse trabalho resulta de meses de pesquisa de campo na comunidade com entrevistas orais, consultas aos documentos presentes no acervo da Prefeitura Municipal de São Bento do Una e na Paróquia do Bom Jesus dos Pobres Aflitos, Igreja católica desta cidade e livros que tratam da temática em estudo. A princípio foi solicitado ao líder da comunidade Bartolomeu Florêncio, uma autorização para que permitisse a entrada nas casas das famílias das pessoas entrevistadas que residem nesta comunidade.

A partir dos relatos orais dos afrodescendentes do quilombo (Serrote Gado Bravo), desde sua formação até a atualidade, inicia-se a segunda parte deste trabalho, buscou-se mostrar uma história de lutas, conquistas e reconhecimento de sua história, cultura e educação dentro de sua vivência comunitária, o que é um verdadeiro quilombo, a maneira que sobrevivem e suas principais contribuições no crescimento e desenvolvimento da sociedade da qual faz parte, pois apesar de ainda existir pessoas que não os reconhecem como cidadãos, julgando-se superior ao negro, muitas vezes não percebem que seu sangue é descendente do africano.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando se fala em cultura é uma palavra que tem vários sentidos. Primeiro se diz respeito às informações e os conhecimentos que uma pessoa tem sobre literatura, pintura, coisas ligadas à criação artística, à filosofia e ao saber em forma geral, ou seja, conhecimentos que não se aprendem na escola e nos livros, e no dia a dia, no convívio com os outros, ouvindo os mais velhos e seguindo seus exemplos, incorporado como cultura popular. Em contrapartida para Souza (2014, p. 87):

Esse tipo de estudo começou a ser feito no fim do século XIX, quando também começou a ser definida a ideia de cultura como maneira de pensar, de agir e de fazer de um determinado grupo de pessoas. São muitas as definições de cultura, conforme a época e a linha de interpretação daquele que elabora a definição.

Em relação à cultura das comunidades quilombolas, o primeiro pensamento que se tem é que são negros fugidos e insolados, pois esse é o ponto de vista da sociedade. O racismo encontra-se presente até mesmo entre os próprios membros da comunidade Serrote Gado Bravo, alguns não admitem ser chamados de negros, pois ainda não tem consciência da origem que pertence (MATTOS, 2012).

Um trabalho vem sendo vivenciado ao longo dos anos nas escolas dessa localidade com muito cuidado pelos professores, para que despertem o senso de conscientização, fazendo com que os estudantes identifiquem a beleza e a cultura afrodescendente dentro da própria comunidade através da música, da dança, suas próprias histórias e de outras comunidades quilombolas. Para Fonseca, Silva e Fernandes (2011, p. 13), “a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens”, empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos e econômicos.

O Quilombo Serrote do Gado Bravo está localizado na zona rural do Município de São Bento do Una, Pernambuco, situado no agreste central pernambucano. Segundo seus moradores, o nome da comunidade deriva da localização de onde vivem: um serrote, uma pequena serra de 350m de altitude. Já a designação “gado brabo” é herdada da antiga fazenda de mesmo nome que foi parcialmente ocupada pelos fundadores do quilombo. Os quilombolas explicam que tal fazenda foi assim batizada porque, no passado, o gado era criado solto no mato, e muitas vezes era necessário amansá-lo (CINTRA, 1983, p. 96).

O quilombo Serrote do Gabo Bravo é conhecido no Estado de Pernambuco, por sua história cultural e resistência, mas a realidade muitas vezes está escondida nos problemas que põem em perigo sua própria existência. A violência doméstica, o alcoolismo, são alguns problemas que veem desestruturando algumas famílias, muitas vezes até mesmo homicídio acontecem, conforme depoimento feito por uma educadora e também descendente da comunidade, que fala:

Algo que acontece de muito sério é a questão do álcool na comunidade, já

aconteceu até mesmo de uma mãe alcoolizada matar o esposo a pauladas na frente das crianças e mandar uma delas limpar a sena do crime, então as nossas crianças veem com esses problemas domésticos e é complicado de trabalhar com elas, isso reflete muito em seu aprendizado infelizmente, e na sociedade também, muitas vezes quando falo que sou da comunidade algumas pessoas ficam surpresas sem acreditar, poxa não posso renegar minhas origens mesmo que seja chato, até porque o meu papel é educar as crianças e mostrar o lado positivo de sermos quilombolas (FARIAS, 2017).

Diante desse desabafo, pode-se dizer que a mesma também, de certa forma sofre preconceitos por se declarar educadora e moradora da comunidade. Os moradores do quilombo são muitos preconceituosos, para com os brancos também, lembrando que não são todos que tem preconceitos, e também não são todos os brancos que têm o olhar crítico para a comunidade.

É indispensável, contudo, que a visão do mundo patriarcal de nosso autor assume a perspectiva do branco e do senhor. Por mais que ele valorize a cultura negra e mesmo o comportamento do negro como uma das bases da “tempo dos avós e bisavós”. Maus tempos, sem dúvida, para a maioria dos brasileiros (FREYRE, 2004, p. 36).

Segundo Freyre (2004, p. 16), mesmo que os brancos valorizem a cultura negra, passada de geração a geração o negro sempre será uma segunda opção, é visto por alguns como uma máquina de trabalho pesado ou doméstico. Mas não deve-se perder a esperança de dias melhores, pois apesar dos obstáculos e dificuldades surgidas no caminhar, a comunidade do serrote é reconhecida pela população sãobentense, com sonhos concretizados ou inacabados, momentos de sofrimentos e felicidades, mas dia após dia continuam buscando seus direitos e, principalmente o respeito e reconhecimento em relação a sua cultura diferenciada, que retrata tão bem a comunidade do Gado Bravo. Não poderia falar de uma comunidade negra sem mencionar sua cultura. Desde o começo, da comunidade, como relata a obra de Gado Brabo, de Ivete Cintra (1983, p. 85), a mesma fala na sua obra que as cambindas fizeram e faz parte da cultura, afro de São Bento do Una, quando fala:

O primeiro grupo de cambindas de São Bento do Una, organizado por João José Zeferino, conhecido por João Coquinho, natural e morador de São Bento, no carnaval de 1927, inspirado no grupo de Pesqueira, uma dança com grupo de negros homens, os seus rostos eram cobertos por tecidos.

O primeiro grupo a apresentar sua dança em homenagem, a uma negra Tereza Rainha; foi um grupo de cambindas, essa negra, a quem me refiro foi a rainha de cambindas, que foi pega em adultério, condenada a escravidão, ao tronco e espancada até deixar marcas em suas pernas. E no livro Gado Brabo, de Ivete Cintra (1983, p. 88), existe a letra da música das cambindas de São Bento:

Oi sai, sai, na rua, cambinda velha, entre o sol e a lua,
As Cambindas estão de Luto e a Bandeira deu Sinal,

Por causa de uma baiana que morreu em Portugal
Oi levanta abandeira roda o pavilhão
Cambinda velha a primeira nação.
As Cambindas traz no peito três Medalhas de valor
Esta foi a recompensa que o Governador mandou,
Cambinda velha onde é seu natural?
Em São Bento do Una, aminha terra Natal.

Uma cultura belíssima, mais infelizmente foi esquecida pela sociedade, é vivenciada, em algumas escolas do município, mais a cultura que prevalece no quilombo é a capoeira e músicas, como: a roda de coco, afoxé, samba regue e axé, uma cultura, que está sendo resgatada com os jovens e adolescentes da comunidade com um grupo de quilombolas onde os mesmos saem na rua e levam sua música e dança para afro e para sociedade tendo o intuito de mostrar seus talentos, história e resistência.

Além desses projetos também as mulheres da comunidade, tem também uma oficina de bonecas de cabaças, bonequinhas negras, representando a comunidade e outros adereços como enfeites domésticos para casa, onde são vendidas e expostas em alguns eventos na comunidade, e em encontros de quilombolas como seminários.

A mazurca, o coco e o reisado foram uma das danças que marcou muito esses moradores, uma forma de se divertirem e trabalhar também. Quantas lembranças bonitas também entre eles, apesar de sofrimentos eles também tinham suas maneiras de diversões o mesmo relatou com muitas saudades das lembranças de seu pai e irmão que já morreu. Maria Neta da Silva também recorda algumas, passagens que a marcou como a dança do coco, vejamos a seguir:

A dança do coco começou, quando os negros fazia as casas de barro, eles pisava no chão e cantava ai começou a cria a música do coco, só lembro disso eu tinha a cabeça boa mais tó muito veinha ai as vezes eu me esqueço das coisas num sabe? (SILVA, 2017a).

A mesma lembra com pouco de dificuldades por conta da idade com 91 anos de idade, já está muito cansada, mais ainda deu uma contribuição enorme para esse trabalho. Diversos relatos que se obteve, quase todos ainda relatam preconceitos e discriminação racial, enquanto uma organização pública ou até mesmo privada não prever ou rever esse conceito sobre esse crime racial. O objetivo da comunidade junto com o líder é mostrar que os negros são pessoas, e não escravos ou animais, como relatou o estudante anteriormente, quando abandonou a escola por conta dos apelidos constrangedores como macaco, entre outros, pode-se dizer que é um crime racial sim, por mais que se fale que não há preconceitos ele existe, e não irá sair facilmente.

No que concerne à história do município de São Bento do Una, há cerca de 180 comunidades quilombolas, entre elas a do Serrote do Gado Bravo, próximo à cidade, aproximadamente sete quilômetros, estrada que dá acesso a Serrote e a Vila do

Espírito Santo, desde o começo da povoação da cidade de São Bento a autora Ivete Cintra teve acesso a Tesouraria de Irmandade da Paróquia Bom Jesus, documentos esses, que revelam informações de donos e proprietários de fazendas e escravos. De acordo com Cintra (1983, p. 12):

A propriedade Gado Bravo, no município de São Bento do Una, distante da cidade (São Bento) sete quilômetros, marcada no início pelo o serrote do mesmo nome, é hoje, dois núcleos de negros, dividida pela a estrada vicinal que vai para a vila do Espírito Santo, do lado esquerdo-Gado Bravo, do lado direito-Jirau.

De acordo com Cintra (1983, p. 15), consta no cartório de São Bento um documentário de Domingo Ribeiro de Andrade, falecido em 1858, casado com Jerônima Francisca de Pontes deixando 6 (seis) filhos com posse das terras do Serrote Gado Bravo, com uma casa de 5 (cinco) senzalas para pretos e uma casa de fazer farinha. Não há dúvida, que aquela família residiu nessas propriedades e adjacências, tendo em vista que pela primeira vez encontramos documentos que mencionam senzalas. Segundo alguns moradores antigos do Serrote Gado Bravo, o local era uma única propriedade, que depois foi dividido entre herdeiros e cada qual construiu suas fazendas, recebendo o nome de Lisbão e Santa Rita.

Atualmente, existe cerca de cinco comunidades próximas ao Serrote Gado Bravo (Caldeirãozinho, Craíbas, Poço Doce, Girau, Primavera), onde há a existência de negros, no entanto fica evidenciado que todos fazem parte desta localidade. Um dos pontos que merece destaque é que apesar de sua liberdade os negros vivem sobre o regime escravista como relata o Líder da Comunidade Gado Bravo, Antônio Florêncio (2017), “meu avó era amansador de burro brabo, na fazenda do zoto (outros) os negos era carreiras e muitos lutava com o gado, mermo (mesmo) dexano (deixando) a escravidão”. Ainda não se sabe ao certo, como os negros chegaram ao serrote, se foram escravos que ganharam um pedaço de terra de seus senhores, ou realmente negros fujões como eles são conhecidos. Como afirma Cintra (1983, p. 28):

Reconhecem que, são descendentes de escravos, mais não sabem contar, com a devida clareza como tudo começou, sabem que são quilombolas, pela organização de um grupo de escravos em um lugar de difícil acesso aos brancos, fugindo de maus-tratos, e humilhações, nos levando a crer, que o local foi um refúgio de negros escravizados.

Para Cintra (1983, p. 30), “os dois sítios, Serrote e Jirau já foram um único território, fazendo parte da mesma propriedade Gado Brabo”. Hoje cada qual tem sua história de origem. O Jirau segundo os moradores recebeu esse nome, porque no lugar, eram feitas muitas camas, lavadouros de roupas e também abatedor de milhos, todos os objetos mencionados eram feitos pelos negros que lá residiam. A Craíbas resulta de uma homenagem a uma árvore debaixo da qual os negros tiravam seus cochilos.

Enquanto Caldeirãozinho por conta de um caldeirão onde as negras costumavam

lavar roupas. Já a Primavera, o nome se deu por ter grandes plantações de lavouras que sustentavam várias famílias negras, amenizando a fome naquela comunidade. As informações prestadas por Maria Neta da Silva, que tem 88 anos, moradora e descendente de escrava relatou com sua vaga lembrança.

Era Gado Bravo, minha fia (filha) não mi lembro direito, porque mudou só sei que é Serrote moí, (por causa) da serra, e o Jirau, moí das camas de vara, eles cavava o buraco, butava as varas e madeira, fazia as camas não tinha cama nesse tempo e fazia também pias pra botar as panelas de barro por isso o nome de Jirau (SILVA, 2017a).

Silva (2017a), relata a mesma história dos outros moradores, uma história com lembranças marcantes de pessoas sábias de uma criatividade incrível, que embora vivendo em moradias muito humildes conseguiam ser felizes apesar das dificuldades. O quilombo do Serrote do Gado Bravo ocupa, quinze hectares, uma pequena área de terra onde vivem 60 famílias, o local pertencente apenas aos negros propriamente ditos, uma família que vem sobrevivendo a várias gerações com seus costumes e modo de sobrevivência.

A comunidade já não é como anteriormente, hoje os moradores vivem com mais conforto em casas populares, doadas pelo governo do estado de Pernambuco, com dois quartos cozinha, sala e uma pequena varanda, banheiros populares, pois os mesmos moravam em casas de taipa, ou seja, pau a pique com chão batido no barro com duas ou três repartições, como são conhecidas. O principal objetivo dos quilombolas e, indiscutivelmente, a conquista de terras onde possam trabalhar para si próprios. Pereira, Serrano e Porto (2012, p. 62), menciona que: “Outro problema enfrentado pelas comunidades é a segurança. As disputas territoriais são muito comuns e, na maioria das vezes, os conflitos por terra geram situação de insegurança e perigo”. Como o senhor Lorinaldo Alves fala em um de seus depoimentos:

Eu têi (tenho) um grande sô (sonho) só, queria terra pra trabaia(trabalhar) uma terra mar miôr (mais melhor) pra eu me mover num (não) sabe? Pro que o cabrá sem terra sofre pra trabaia pro zoto, quando acha é ruim de mai (ALVES, 2017).

Diante desse depoimento percebe-se que a comunidade é muito pobre não há lugar para plantar suas lavouras como eles dizem, e poucas que tem é sobre pedras e não serve para a plantação, os quilombolas reclamam dos fazendeiros que usam a terra para criação de gado e não os deixam trabalhar, a não ser no alugado, ou seja, na diária. Para Pereira, Serrano e Porto (2012, p. 62), nos lembram: “que o território e sua garantia são fundamentais para assegurar aos quilombolas sua identidade e a preservação de sua memória”.

Apesar da comunidade do serrote lutar contra o racismo e o preconceito, sofrem na pele, aos olhos de muitos políticos e racistas, pois para muitos o negro tornou-se um grande problema mundial, mais com a assinatura da Lei Áurea, o negro deixou

de ser massacrado pelo homem, claro que ainda em pleno século XXI, há diversos preconceitos com o negro, vejamos a seguir um relato, onde um deles recorda com muita tristeza um fato ocorrido há muitos anos atrás:

Na infância eu tinha muita vontade de aprende a lê pra arrumar um trabai (trabalho) e quando meu pai a resolveu butar nós eu e meus irmão que era quatro, quando chegou à escola, a palavra que ele teve foi essa “voceis nego aqui num tem direito a escola” aí meu pai vorto com nós eu nunca vou esquecer essa passagem (FLORÊNCIO, 2017).

Observa-se através do relato de seu Antônio que a escravidão do século XX, deixou marcas profundas que jamais serão cicatrizadas, pois mesmo depois de tantos anos ainda permanecem abertas feridas do preconceito na alma do povo quilombola, conforme relato de Maria Erika Florêncio da Silva, uma das professoras da comunidade e filha de Antônio:

Graças a Deus eu tive mais sorte que meu pai, consegui estudar e fazer uma boa faculdade e hoje sou uma educadora, mais não pense que minha infância foi fácil, sofri preconceitos por ser negra, não brincavam comigo nos intervalos, e minha professora também não gostava de mim porque sou negra, e hoje tenho dificuldades em mi relacionar com os demais (SILVA, 2017b).

O racismo é um fator que abrange todos os grupos sociais, ainda que reconheça que é um crime, percebe-se o impacto de diferentes discriminações na vida do negro. Vivenciando de perto as histórias dos moradores, pode-se fazer essa reflexão de que eles convivem com o preconceito na pele, em algum momento da vida o negro sofreu humilhações, no que concerne à raça, a religião e a moradia. Sabe-se que mesmo diante de um quadro tão caótico como esse, há a resistência negra que não permite que o negro abandone a luta pelos seus direitos e semeie a consciência que pertencem a uma comunidade que tem muitas histórias de lutas e conquistas e experiências para relatar em qualquer lugar que for ou chegar.

4 | CONCLUSÕES

Por mais tempo que se tenha passado da história, cultura e a educação afrodescendente da comunidade Serrote Gado Bravo e por modernidades que encontrem em seu cotidiano, essa comunidade quilombola não esquecem seus costumes e raízes africanas, alguns não valorizam mais se procurados relatam muitas histórias relevantes, memórias bonitas de um passado triste e ao mesmo tempo, cheios de vitórias, conquistas e bravuras dos negros que residem nessa região. O quilombo do Serrote do Gado Bravo, é uma comunidade que viveu e ainda vivencia suas credices e raízes africanas, como a reza, chás medicinais e outros métodos de sobrevivência não desmerecendo o atendimento na saúde e educação do município de São Bento do Una, Pernambuco.

As histórias relatadas pelos moradores do quilombo revelou muitas riquezas, antes desconhecidas como etnia, religião, costumes, crenças, educação, dentre outras, importantes e favoráveis, sendo fatores significantes para sua inserção no meio social no exercício da cidadania. Existem muitas contradições, racismo e preconceito entre a sociedade e o quilombola, por esse motivo deve-se inserir e mostrar o significado de ser um quilombola, o porquê dessas famílias viverem em local separados, quais suas lutas, expectativas, como vivem na comunidade, sua educação e cultura local. A partir deste levantamento de dados, este trabalho enfatiza as lutas e transformações ocorridas no quilombo do Serrote do Gado Bravo, situado no município de São Bento do Una, agreste de Pernambuco, através da abordagem, das questões históricas, culturais e sociais, tendo o intuito de promover melhorias em todas as áreas da comunidade.

Com isso pode-se perceber como a cultura do Brasil é rica em conhecimentos e tem uma raça de gigantes, o negro por fazer parte de tantas histórias e acontecimentos cotidianos na vida das comunidades brasileiras. Através dos depoimentos das pessoas que fazem parte da comunidade do Serrote Gado Bravo e com o acervo bibliográfico pesquisado, que a história, a cultura e educação dos negros no Brasil, teve uma grande contribuição, nos trabalhos, como nas danças, comidas, entre outros aspectos significativos tão presentes na sociedade contemporânea. São várias recordações, algumas tristes e lamentáveis, outras porém trazem momentos de alegrias e realizações, pois hoje, as crianças da comunidade e os jovens têm outras expectativas de vida e sonhos, apesar das dificuldades e humilhações que já sofreram ao longo de sua história, eles querem e lutam pelo um futuro melhor tanto para si mesmo como para sua família.

Esse trabalho teve a pretensão de mostrar que a história do Quilombo do Serrote, com seus costumes, crenças, tradições e economia não fiquem apenas no papel, principalmente os relatos orais, as críticas dos afrodescendentes e dos moradores dessa comunidade que trazem muitas informações sobre a diversidade cultural e inclusão social, despertem nos indivíduos e governantes o senso de conscientização em relação aos problemas vividos pelos quilombolas dentro da sociedade e que perduram até os dias atuais, levando-os a repensar como minimizar alguns problemas detectados e preocupantes que ameaçam essas famílias que ainda residem nesta localidade e criem políticas públicas que possam melhorar suas vidas.

Os conhecimentos adquiridos foram gratificantes, principalmente os depoimentos, podendo despertar em cada ser humano a sensibilidade, o aprendizado e, acima de tudo respeito as diferenças, pois o outro precisa ter o direito de ser, viver, pensar com pertencimentos étnico-raciais e sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lorinaldo. **Depoimento oral: Morador.** São Bento do Una, PE, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Parecer CNE/CP n. 3/2004. Brasília MEC, 2004a. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Resolução CNE/CP n. 1/2004. Brasília MEC, 2004b. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

CINTRA, Ivete de Moraes. **Gado Brabo de senhores e senzalas.** Prefácio de Napoleão Barroso Braga. Recife, FIAMI Centro de Estudos de História Municipal, 1983.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de História.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FARIAS, Amanda da Silva. **Depoimento oral: Educadora.** São Bento do Una, PE, 2017.

FLORÊNCIO, Antônio. **Depoimento oral: Líder da Comunidade Gado Bravo.** São Bento do Una, PE, 2017.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges (Orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. (Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil).

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzalas.** 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-brasileira.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro.** São Paulo: Ática, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SERRANO, Gisella de Amorim; PORTO, Amélia Pereira Batista. **Quilombolas e quilombos: Histórias do povo brasileiro.** Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA, Erika Florêncio da. **Depoimento oral: Professora.** São Bento do Una, PE, 2017b.

SILVA, Maria Neta da. **Depoimento oral: Moradora.** São Bento do Una, PE, 2017a.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** São Paulo: Claro Enigma, 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-313-2

